



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário

**Membro do Comitê de Enlace pela
Reconstrução da IV Internacional**

Nº 12/2026 – 14 de maio de 2026

@massas.por - www.pormassas.org



Manifesto do Partido Operário Revolucionário

78 anos da Nakba

Viva a luta anti-imperialista!

**Combater o militarismo capitalista no Brasil,
no Oriente Médio e no mundo**

A Catástrofe Palestina (Nakba) completa 78 anos. Se considerarmos que a opressão, a expulsão das terras, os assassinatos e a perseguição são tão antigos quanto ao próprio sionismo — produto legítimo do capital financeiro e do chauvinismo na virada do século XIX para o XX —, já se passa mais de um século que o povo palestino sofre as agruras da época imperialista do capitalismo - uma era de guerras, revoluções e contrarrevoluções. A catástrofe palestina pode ser o prólogo do que está destinado à humanidade, caso o capitalismo não seja destruído pelas mãos daqueles que trabalham e lutam.

O dia 15 de maio marca o Dia da Nakba. Trata-se da memória do dia em que a burguesia internacional, através da ONU, com o aval da URSS es-

talinizada, criou no território da Palestina um Estado artificial, amparado pela falsificação histórica de que se tratava de oferecer um refúgio aos judeus após os horrores da Segunda Guerra Mundial. A falsificação foi tão bem construída e propagada pela grande mídia que, ainda hoje, 78 anos depois, há quem acredite que o Estado sionista de Israel represente o povo judeu.

A verdade, no entanto, é oposta. A criação do Estado sionista representou um movimento muito mais amplo do pós-Segunda Guerra: a partilha do mundo entre as potências vencedoras. As linhas territoriais e

as zonas de influência foram refeitas: Estados foram criados, outros desapareceram e regiões inteiras passaram a ser controladas econômica e militarmente pelas nações vitoriosas. Um dos principais movimentos nesse sentido foi a transição da dominação britânica sobre a Palestina para a dos Estados Unidos.

Compreender esse movimento é fundamental para entender a crise internacional atual. O esgotamento da partilha do mundo é o fator determinante que tem

impulsionado a escalada bélica, os realinhamentos políticos e as guerras de dominação. O fator-chave da crise atual é a ascensão econômica da China, que rivaliza com a hegemonia estadunidense. A guerra de dominação no Oriente Médio — envolvendo os EUA e Israel de

um lado, e a Palestina, Líbano, Iêmen e Irã do outro — revela até onde o imperialismo pode chegar para manter seu domínio.

A guerra comercial dos Estados Unidos contra a China fundamenta diversos conflitos atuais, ainda que estes possuam raízes próprias. É o caso da hostilidade contra o Irã. Trata-se de um conflito histórico do imperialismo contra o regime dos aiatolás, mas a dinâmica tornou-se mais aguda à medida que o Irã se tornou um dos principais fornecedores de energia para o gigante asiático.



Daí surge a necessidade de se colocar, inabalavelmente, ao lado das nações oprimidas contra as opressoras. É preciso posicionar-se ao lado dos povos atacados pelo imperialismo em qualquer latitude: na Palestina, no Irã, no Líbano, na Venezuela ou na Ucrânia apesar de sua particular situação. O movimento operário internacional já indicou o caminho: é preciso formar uma frente única anti-imperialista, a partir dos sindicatos e movimentos populares, para responder em conjunto à barbárie imposta aos trabalhadores de todo o mundo.

A luta anti-imperialista nacional vincula-se à luta internacional

Nossa distância geográfica da Palestina não pode enfraquecer a luta pelo fim das guerras de dominação e pela libertação da Palestina histórica. Devemos partir do princípio de que a classe operária é internacional e, por isso, deve se unir contra a decomposição capitalista que conduz à miséria, à fome e à violência. Enquanto o patriotismo e o chauvinismo separam os operários, a luta anti-imperialista os une.

Nestes mais de dois anos e meio de genocídio contra os palestinos, a luta e a solidariedade desde o Brasil viveu altos e baixos, refletindo a crise de direção revolucionária do proletariado, expressa na política governista e colaboracionista da maior parte das direções sindicais brasileiras. O fato de o governo Lula manter relações políticas, econômicas e militares com o Estado sionista não parece ter sido suficiente para que essas organizações rompessem com o governo. Não faltaram súplicas para que o Brasil rompesse com Israel, mas, em troca, o governo ofereceu apenas palavras de solidariedade, sem ações concretas.

Como resultado, o sionismo no Brasil sentiu-se fortalecido para avançar na perseguição aos lutadores. O caso recente mais grave foi a condenação de Zé Maria, do PSTU, a dois anos de prisão por conde-

nar o genocídio em um ato público. Trata-se de uma afronta da Conib e de outras entidades sionistas que atuam livremente no país sob a proteção da justiça burguesa. Nesse cenário, o projeto de lei de Tabata Amaral, que tenta criminalizar críticas a Israel como antissemitismo — uma falsificação grosseira —, ganha corpo no Legislativo e representa um perigo real aos que lutam.

Em São Paulo, a manifestação do Dia da Nakba vincula-se às organizações do Cordão da Mentira e às Mães de Maio, que completam 20 anos de luta contra as chacinas promovidas pelo Estado em 2006. Os eventos estão conectados pelos fios da luta de classes. As diferenças entre o militarismo imperialista no Oriente Médio e o militarismo do Estado brasileiro

contra a periferia são apenas de grau; ambos indicam que a burguesia, através de seus governos, irá até as últimas consequências para se manter.

Diante da crise mundial, do genocídio em Gaza, do avanço colonial na Cisjordânia, dos bombardeios ao Líbano, da guerra ao Irã e do cerco da OTAN à Rússia, da guerra na Ucrânia e do ataque à Venezuela, este Dia da Nakba deve ser um grito de revolta dos oprimidos. No Brasil, as manifestações devem exigir a constituição de uma frente única anti-im-

**Diante da crise mundial,
do genocídio em Gaza,
do avanço colonial
na Cisjordânia, dos
bombardeios ao Líbano, da
guerra ao Irã e do cerco da
OTAN à Rússia, da guerra
na Ucrânia e do ataque à
Venezuela, este Dia da Nakba
deve ser um grito de revolta
dos oprimidos.**

perialista.

Cabe à vanguarda consciente trabalhar incansavelmente para superar a crise de direção da classe operária, formando comitês de luta anti-imperialista nos sindicatos, locais de trabalho e estudo. Devemos construir oposições que defendam o fim do genocídio e a libertação da Palestina — que deve tomar a forma de uma República Socialista da Palestina, como parte dos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.

**Viva a luta dos povos oprimidos de todo o mundo!
Viva a resistência palestina!**

**Abaixo a perseguição política aos lutadores!
Construir a Frente Única Anti-imperialista!**

LANÇAMENTO!

PALESTINA

GUERRA NA FAIXA DE GAZA E
GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO

Posição e
resposta do
internacionalismo
proletário

R\$ 40



Somente a classe operária e os demais trabalhadores, organizados, unidos e em luta podem derrotar o Estado sionista de Israel, os Estados Unidos e aliados.

Adquira já com o distribuidor do Jornal Massas.

Adquira com o distribuidor de Massas:

R\$ 35

SOCIALISMO OU BARBARIE

A Revolução
Proletária na
época do capitalismo
em decomposição

**SOCIALISMO
OU BARBARIE**



O livro editado pelo POR, reúne uma coletânea de textos com elaborações e formulações programáticas sobre os fatores mais destacados da situação política mundial, um balanço dos 40 anos do golpe militar no Chile, um balanço dos 50 anos do golpe no Brasil e uma crítica programática ao foquismo nesse período.